



quanto a natureza que retratam. São dispersos. Tão dispersos que chegam a retratar a natureza humana. Repetem-se às vezes, em tonalidades diversas. Só nos surpreendem pela sua imensurável beleza! Entre o "Transoxide Olive" e o "Safran Redwood" eu prefiro o "Dragon Blood". Gostos não se discutem, diz-se. Eu acho que dever-se-iam discutir! LF

RUI EDUARDO PAES

"Ruínas"

LIVRO Huglin Editores, 1996 — ISBN9728310188

"Ruínas" é uma obra de preponderante importância. Sub-intitulada "A Música de Arte no Final do Século", trata-se de um trabalho do jornalista e crítico musical Rui Eduardo Paes. A música de arte a que se refere este pensador é a de Carlos Zingaro (violinista e improvisador português de reputação mundial que em breve terá um novo disco editado pela audEo) e a de Emanuel Dimas de Melo Pimenta (compositor luso-brasileiro que trabalhou com o coreógrafo Merce Cunningham). E é também a de Anthony Braxton ("o intelectual irreduzível que encara a música como objecto de pesquisa quase laboratorial"), de John Zorn ("o protótipo do músico experimental que se deixou fascinar pelo universo pop"), de Vyacheslav Ganelin ("combinava materiais do folclore russo com a música erudita contemporânea"), ou até a de Harry Partch ("é lembrado sobretudo como um construtor de instrumentos exóticos, mas a sua importância para a actual música de arte transcende em muito essa dimensão"). A música do final do século é repensada e reaprendida para nos abrir algumas portas do século XXI. Deliciem-se os que procuram a arte na música, porque é o que mais certamente irão (re)aprender a encontrar. LF

EVAN PARKER & SAINKHO NAMCHYLAK

"Mars Song"

CD Les Disques Victo, 1996 — VICTOCD042

Em "Mars Song" encontramos a cantora de Tuva, Sainkho Namchylak, em dueto com um dos grandes improvisadores da Nova Música Improvisada, o saxofonista Evan Parker. Todas as músicas são improvisos do duo, música que é realmente pura ambiguidade — um contentor fluído de hieróglifos emocionais. Todo o tempo de duração deste registo é usado para transmitir emoções, apenas. Indescritíveis em palavras, tal como as entendemos. Assim como os poetas da antiga Grécia escreviam sem deixar espaços entre as palavras, sem maiúsculas e sem pontuação, estas composições improvisadas exprimem o seu significado no preciso momento em que são. Podem ser tomadas como uma forma de exorcismo, de libertação de imagens que, como

ilusões, reflectem uma possível realidade num mar de realidades mutantes. A música é. Não é traduzível em dialectos de detalhe específico. FN

ZEENA PARKINS & ELLIOTT SHARP: PSYCHO-ACOUSTIC  
"Blackburst"

CD Les Disques Victo, 1996 — VICTOCD044

Já em 1994 o primeiro "Psycho-Acoustic" nos havia surpreendido muito positivamente (ver MINIMAL 5). Mais ainda nos surpreende este "Blackburst", o seu novo trabalho de 1996. A extravagante genialidade do duo leva-nos a conhecer novos mundos sónicos, que quase poderíamos confundir com uma espécie de techno-hardcore. No fundo pouco ou nada tem a ver com isso, ou com outras explorações ambientais ou industriais, como já alguém o disse. Tratando-se de músicos de carreira bem assente será talvez mais aceitável definir este projecto como uma variante experimental na música improvisada que habitualmente tocam. Servindo-se de harpa eléctrica, duplo baixo eléctrico, clarinete baixo, madeiro roncante, sampler, sintetizador e processador DSP, Parkins e Sharp continuam a abrir-nos caminhos na new music. "Blackburst" é uma explosão de criatividade, que não permite deixar-nos indiferentes. LF

TELECTU & JAC BERROCAL

"À Lagárdère"

CD Numérica, 1996 — NUM1051

Com Jac Berrocal, "À Lagárdère" é a mais recente obra discográfica dos Telectu. O duo de Jorge Lima Barreto (piano, sanza, sintetizador, bateria, cordas do piano) e Vitor Rua (guitarra eléctrica, percussões, sitar, 12 cordas, electronics) juntou-se em estúdio a Jac Berrocal (trompete) para gravar um belíssimo punhado de temas que deram lugar a este novo álbum, que só apareceu no mercado no início de 97. Para quem conhece o disco ao vivo de genérico "Telectu Cutler Berrocal" (Fabrica de Sons, 1995), a participação do trompetista francês poderia servir como base de comparação. Mas, neste novo trabalho de estúdio, o som é de um surpreendente brilho cristalino e a música de uma harmonia e intensidade invulgares. Este novo álbum é também uma fonte de surpresas graciosamente trabalhadas. Destaque para os derradeiros sete minutos do disco, em que o trio monta uma orgiástica peça sonora intitulada "Berro e Cal". Trata-se, sem dúvida, de um dos melhores discos portugueses de 1996. Essencial! LF

minimal · número 14 · Maio 1997

participaram neste número

Fernando Nogueira, Gonçalo Calheiros, Luís Freixo

com o apoio de Digital-Foto

os artigos divulgados são comercializados por

audEo · Av. Boavista, 1635-00 · 4100 Porto · Tel/Fax (02) 6097239

NIPC 502667460 · CAE 51190 · CS 420000\$ · CRCP 49591

# minimal

folheto informativo sobre novidades audEo · No.14



## ALLEN GINSBERG

A alma atormentada de Allen Ginsberg veio ao mundo em Newark, a 3 de Junho de 1926. Muito cedo descobriu a sua homossexualidade, factor determinante na sua futura carreira. Gostava de ler Walt Whitman, o poeta nacional dos Estados Unidos (também ele um homossexual). Em 1944, frequentando a universidade de Columbia, passou a partilhar com Jack Kerouac e William Burroughs o apartamento situado no nº 421 da rua 118 Oeste de Nova Iorque. Então com 18 anos apaixonou-se por Kerouac (de 22), que nunca lhe correspondeu. A par da literatura envolveu-se ainda no consumo de drogas e em pequenos delitos, que o levaram à expulsão da universidade. O mais velho dos três, Burroughs, já com 30 anos de idade, assumiu o papel de psicanalista dos seus parceiros e, mais tarde, tornou-se o amante do jovem Ginsberg. Exerceu crítica literária na revista Newsweek. Em 1948 afirmou ter sido contactado por William Blake, numa visão, quando lia o poema "Ah Sunflower". Em 1953 era um jovem ousado. As actividades e experiências contrárias à lei levaram-no (com Burroughs e outros amigos) à prisão em 1955. Tendo problemas com a polícia a cada passo Ginsberg tentou renunciar às suas contestadas práticas, interrompendo a relação amorosa com Burroughs,

arranjando uma namorada e tornando-se publicitário. Burroughs partia para Tanger e, daí, para Londres e Paris. Opostamente, Ginsberg viajou pelo México e América Latina e finalmente optou pela residência na costa Oeste, em San Francisco. Nesse mesmo ano teve início a sua notoriedade poética com a publicação de "Howl", em que manifestava o seu repúdio pela grande cidade, que descrevia como um "deserto de cimento armado". Foi também por essa altura que conheceu **Peter Orlovsky**, que seria o grande e definitivo amor da sua vida. Dedicou-lhe o poema "To P.O." (posteriormente incluído em "Hydrogen Jukebox"). Nova Iorque voltava a ser o centro do mundo. O seu interesse por problemas sociais — as movimentações pacifistas, a revolução sexual, as drogas, a filosofia oriental, a consciencialização ecológica e um vasto número de questões "contraculturais" do pós-guerra — definiriam a acção associada à sua intervenção poética. Kerouac, Burroughs e Ginsberg tornavam-se nos líderes da Beat Generation, movimento intelectual que **Alfred Leslie** (repórter fotográfico da revista Life) documentou em 1959 no filme "Pull My Daisy". Nessa altura Ginsberg iniciou uma actividade intensa e militante, da qual se tornou quase impossível seguir os passos. Dela dever-se-á destacar, no entanto, a edição discográfica de "Electric Newspaper, Hiroshima Day, USA Vs Underground" (1966), um jornal sonoro anti-nuclear assinado colectivamente por **The (East Village) Other** (com a nata do underground, incluindo **Andy Warhol** e os seus protegidos). Em 1968 seria publicado o livro "The Yage Letters", transcrevendo cartas trocadas com Burroughs. Influenciou nomes míticos do jazz (como **Charles Mingus** e **Don Cherry**) e do rock (como **Bob Dylan** e **Mick Jagger**). Apesar de se ter tornado no poeta americano mais conhecido fora dos Estados Unidos, as autoridades acusaram-no até bastante tarde de corruptor da juventude. Nos anos 70 entregou-se aos ensinamentos do guru tibetano **Chogyam Trungpa Rinpoche** e tornou-se budista. Continuamente activo manteve a sua influência artística através dos anos 80 e até aos dias de hoje. Duas pequenas gravações — "Hum Bomb" e "Father Death Blues" — constam da compilação "Utopia Americana" (1992). A sua aura está também patente através da vanguarda musical nova-iorquina (como **Arto Lindsay** e **God Is My Co-Pilot**). Um dos seus trabalhos mais recentes e notáveis foi "Hydrogen Jukebox" (1993), musicado por **Phillip Glass**. Dizia Ginsberg que o motivo de fundo dessa obra era "aliviar o sofrimento humano comunicando uma espécie de consciência iluminada de vários temas, tópicos, obsessões, neuroses, dificuldades, problemas e perplexidades que encontramos no término deste milénio". Milénio que terminará com a ausência física de Allen Ginsberg, falecido em 5 de Abril de 1997. LF

JORGE LIMA BARRETO

"Musa Lusa"

LIVRO Hugin Editores, 1997 — ISBN9728310099

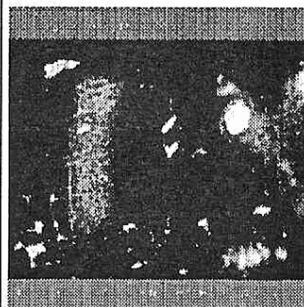
A par da criação musical, Jorge Lima Barreto tem sido um pensador e cronista da música deste seu tempo. Desde 1972 tem participado de bibliografia diversa

e de importância primordial na historiografia e divulgação da nova música. Merecem referência e recomendação os seus recentes livros "Nova Música Viva" (Fabrica de Letras, 1995), "Música & Mass Media" (Hugin Editores, 1995) e "Musa Lusa". Este último, agora publicado, foi exclusivamente dedicado a toda a música portuguesa do pós-25 de Abril. Os escritos foram organizados por géneros musicais, contemplando a música clássica contemporânea, popular, jazz, nova música improvisada, pop/rock, música inter-arte e multimédia e, também, a música ligeira. É uma obra extensa, redigida numa linguagem acessível e típica do seu autor, já conhecida dos artigos por ele assinados neste folheto. Uma obra actual e importante para o entendimento da lusonáutica musical do nosso tempo. E não menos do que as que a precederam. LF

CARLOS BECHEGAS

"Projects"

CD Leo Records Laboratory, 1997 — LEOLABCD032



Sendo a única obra editada de Carlos Bechegas (um dos nomes mais persistentes e importantes na música improvisada feita em Portugal) é no mínimo curioso que tenha um selo de origem britânica e que a editora que o lançou seja uma das mais prestigiadas de todo o mundo, na sua especialidade. O trabalho incluído divide-se em duas distintas partes:

uma gravada ao vivo em 1995 com o grupo IK\*Zs(3) — Carlos Bechegas na flauta e electrónicas, Ernesto Rodrigues no violino e José Oliveira na percussão — em que o trio procura uma improvisação "estruturada", desenvolvida livremente a partir de pequenas estruturas previamente experimentadas; outra gravada em 1993, também ao vivo mas exclusivamente a solo, que desenvolve sobre perspectivas mais pessoais e não menos interessantes. Um disco que já faz parte da história da música portuguesa. LF

ROBERT M. LEPAGE

"La Plante Humaine"

CD Ambiances Magnétiques, 1997 — AM042CD

Este é um registo demonstrativo da música composta por Robert Marcel Lepage para o filme de animação "La Plante Humaine" de Pierre Hébert, realizador com quem o músico colabora há já cerca de dez anos. Surge-nos sob a forma de uma compilação de fragmentos extraídos das peças utilizadas na banda sonora original do filme. As imagens são decompostas em sons e é pela mão de Robert Lepage que fazemos a travessia entre o sonoro e o visual. Enquanto viajamos pela passagem posta a descoberto pelas composições de



Lepage, na sua interpretação do trabalho de Hébert, encontramos cenários melódicos harmoniosos logo confrontados com ambientes de maior ou menor caos. Com relações criadas entre contextos sonoros de diferentes amplitudes, por exemplo jazz e construções "clássicas", percussões africanas e hard-rock, Robert Lepage consegue imprimir à rede de sons que

compõe, diferentes e surpreendentes tonalidades, fomentadas pelos cortes bruscos entre as composições, provocadas pela sua curta duração. É um agradável trabalho caleidoscópico, que suscita curiosidade sobre outros trabalhos deste músico, como "Chantes Et Danses Du Monde Inanimé" (1984, 1996), "Métamorphoses Clandestines" (1990), "Adieu Leonardo!" (1992) ou "Les Choses Dernières" (1995), também editados pela Ambiances Magnétiques. FN

MAX NAGL

"Daily Bullet"

CD Leo Records Laboratory, 1996 — LEOLABCD023

O disco abre com uma peça abstracta onde sons de respiração se fundem com instrumentalizações propositalmente anárquicas, onde voz, saxofone, percussão e piano, à solta, sem condicionantes de forma, exploram os limites da improvisação. Logo depois, as composições aproximam-se mais do formato canção, sem que o improvisado deixe de ter lugar. Têm por base essencial a voz, o saxofone, o piano e mensagens mais ou menos concretas, através dos textos de Maria T. Maturana e Max Nagl, por vezes fazendo lembrar Harold Budd ou alguns trabalhos de Hector Zazou, outras sugerindo construções de Laurie Anderson. "Daily Bullet" resulta assim no registo eventual de um amplo e excelente improvisado entre excelentes músicos: Jonathan Bepler (vozes, guitarra), Max Nagl (saxofone, sampler, acordeão, embocaduras, xaphoon), Josef Novotny (piano, teclados), Burkhard Stangl (guitarra, baixo), Wolfgang Reisinger (bateria) e Patrice Heral (tambor shaman de Tuva em "Nothing Is What It Seems"). FN

LAUREN NEWTON & JOËLLE LÉANDRE

"18 Colours"

CD Leo Records, 1997 — CDLR245

A vocalista Lauren Newton e a contrabaixista Joëlle Léandre juntaram-se neste trabalho para interpretar cores que se encontram na natureza. São dezoito as cores que recolheram nesta paleta de pintura sonora. Mas dever-se-ia dizer antes dezoito sons? Não, porque não é o caso, pois os sons aqui não são organizados, compostos, artificializados, isolados! São antes tão naturais